

**O** Brasil deve se preparar para, a partir do segundo semestre, voltar a pagar mais juros aos bancos credores internacionais, a julgar pelas análises elaboradas por economistas desses bancos prevendo o esgotamento do período de baixas taxas de juros no mercado internacional, que já dura mais de dois anos.

De acordo com esses estudos, o recuo das taxas de inflação nos países industrializados terá fim neste período de inverno, à medida que os efeitos estabilizadores do preço do petróleo e da baixa do dólar cessarem. Assim, até o fim de 1987 a taxa de inflação média dos países industrializados, de 2,3% no ano passado, evoluiria para 3,5%.

Ora, a aceleração dos preços levaria os bancos centrais a praticar uma política "um pouco mais restritiva". Com isso, a fase de recuo das taxas de juros internacionais chegará ao seu fim nos próximos meses. É preciso considerar, porém, admitem esses estudos, que "fatores retardatários na economia internacional" ainda permitem uma baixa das taxas nas próximas semanas. Mas a margem para que esse fenômeno se repita tornar-se-á mais e mais estreita.

Em 1986, como no ano anterior, as taxas de juros baixaram nos países industrializados graças à desinflação. A Inglaterra foi um dos poucos países a seguir outra direção, em alguns momentos tendo mesmo de aumentar suas taxas pa-

# Os juros devem subir lá fora: pior para o Brasil.

**Com o aumento da inflação nos países industrializados, os bancos credores deverão aumentar a taxa de juros no segundo semestre.**



maioria de trabalhos sobre a conjuntura econômica deste ano por

ra defender a libra esterlina. De qualquer modo, num contexto geral, a baixa dos juros antenou a situação dos países devedores. Para o Brasil, especialmente, houve um evidente alívio nas contas externas. O Plano Cruzado não teria sido declarado se não houvesse em fevereiro de 1986, uma conjuntura favorável a nível internacional — juros baixos, petróleo mais barato.

Mas, como lembra um graduado funcionário de banco internacional, os países devedores voltarão aos sofrimentos.

De fato, a reversão do atual quadro das taxas de juros, ainda que tarde, na medida em que se discute a retomada da economia internacional — e isso implica dinheiro mais barato para os investimentos, é evidente — é prevista na

bancos internacionais. Nas condições atuais, prevê um desses estudos, os juros voltam a subir no segundo semestre. Primeiro, eles aumentam a curto prazo, estendendo-se depois a longo prazo, ou seja, uma evolução mais ou menos natural já observada anteriormente.

Como o **Federal Reserve Board**, o BC norte-americano, aplica há bastante tempo uma política mone-

tária mais expansionista que a maior parte dos outros países industrializados, e também por causa da desvalorização, maciça do dólar, a taxa de inflação nos EUA poderá evoluir dos atuais 2% para 4% ou mesmo 5% ao longo deste ano, ultrapassando assim as taxas de países europeus e do Japão.

Diante desse quadro, apontam os estudos, a alta das taxas de juros poderá ser mais marcante nos Estados Unidos. É preciso levar em consideração, porém, graves dificuldades econômicas das principais regionais agrícolas e industriais e mesmo dos Estados do Sul ricos em petróleo, assim como os problemas de adaptação do aparelho bancário norte-americano e à situação política, antes que o **Federal Reserve** aperte os freios. Em síntese, o FED aguardará os sinais da conjuntura antes de um endurecimento.

O alargamento do diferencial de taxas a favor dos EUA poderá ainda, conforme os estudos, atenuar a pressão baixista que se exerce sobre o dólar, e que resulta, primeiro, do fato de que o aumento de preços é mais elevado na Europa e, depois, que o déficit diminui lentamente. Assim, a moeda norte-americana deverá desvalorizar-se pouco em relação às moedas fortes da Europa, cerca de 5 a 10%. A libra esterlina desvaloriza-se pouco em relação ao dólar, e o iene continuará fortemente valorizado.

**Assis Moreira, de Genebra.**